

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

DEZEMBRO DE 1866

Nº 12

O Lavrador Thomas Martin e Luís XVIII

As revelações feitas a Luís XVIII por um lavrador da Beauce, pouco depois da segunda entrada dos Bourbons, tiveram no tempo uma grande repercussão e, ainda hoje, a sua lembrança não se apagou. Mas poucas pessoas conhecem os detalhes deste incidente, cuja chave agora só o Espiritismo pode dar, como de todos os fatos deste gênero. É um assunto de estudo muito interessante, porque os fatos, quase contemporâneos, são de perfeita autenticidade, já que são constatados por documentos oficiais. Dar-lhe-emos um resumo sucinto, mas suficiente para que sejam apreciados.

Thomas-Ignace Martin era um pequeno lavrador do burgo de Gallardon, situado a quatro léguas de Chartres. Nascido em 1783, tinha, por conseguinte, trinta e três anos quando se deram os acontecimentos que vamos relatar. Morreu no dia 8 de maio de 1834. Era casado, pai de quatro filhos menores e gozava em sua comuna da reputação de um homem perfeitamente honesto. Os relatórios oficiais o descrevem como um homem de bom-senso,

embora de grande ingenuidade, por conta de sua ignorância das coisas mais vulgares; de caráter brando e pacífico, não se metia em nenhuma intriga; de perfeita retidão em todas as coisas e de completo desinteresse, de que deu numerosas provas, o que exclui toda idéia de ambição de sua parte. Assim, quando voltou à sua cidade após a visita ao rei, retomou suas ocupações habituais como se nada tivesse acontecido, evitando mesmo falar do que lhe havia sucedido.

Ao partir para Paris, o diretor do hospício de Charenton teve o maior trabalho do mundo para fazê-lo aceitar 25 francos para as despesas de viagem. No ano seguinte, estando sua mulher grávida do quinto filho, uma pessoa distinta por sua posição e que conhecia a mediocridade de sua fortuna, mandou propor por um terceiro, 150 francos para cobrir as necessidades nessa circunstância. Martin recusou, dizendo: “Só pode ser por causa destas coisas que me acontecem que me oferecem dinheiro, porque, sem isto, não falariam de mim, nem mesmo me conheceriam. Mas *como a coisa não vem de mim, nada devo receber por isto*. Assim, agradecei a essa pessoa porque, embora eu não seja rico, nada quero receber.” Em outras circunstâncias recusou somas mais consideráveis, que o teriam deixado à vontade.

Martin era simples, mas nem crédulo, nem supersticioso; praticava seus deveres religiosos escrupulosamente, mas sem exagero ou ostentação e sempre justo no estrito limite do necessário, visitando seu cura no máximo uma vez por ano. Por conseguinte, nele não havia nem falsa devoção, nem superexcitação religiosa. Nada em seus hábitos e em seu caráter era susceptível de exaltar-lhe a imaginação. Tinha visto com prazer a volta dos Bourbons, mas sem se ocupar de política de modo algum e sem se envolver com qualquer partido. Dedicado inteiramente ao trabalho dos campos, desde a infância, não lia livros nem jornais.

Compreende-se facilmente a importância dessas informações sobre o caráter de Martin no caso de que se trata. Desde que um homem não é movido nem pelo interesse, nem pela ambição, nem pelo fanatismo, nem pela credulidade supersticiosa, conquista sérios títulos à confiança. Ora, eis de modo sumário como se passaram os acontecimentos que lhe sucederam.

No dia 15 de janeiro de 1816, por volta das duas e meia da tarde, ele estava só, ocupado em adubar um campo a três quartos de légua de Gallardon, num cantão muito deserto, quando, de repente, se lhe apresentou um homem de cerca de cinco pés e uma ou duas polegadas, corpo delgado, rosto afilado, delicado e muito branco, vestindo uma levita ou redingote dourado, totalmente abotoado e caindo até os pés, com os sapatos amarrados com cordões e com um chapéu redondo de copa alta. Esse homem disse a Martin:

“Deveis ir ao encontro do rei e lhe dizer que sua pessoa corre perigo, bem como a dos príncipes; que gente má ainda tenta derrubar o governo; que vários escritos ou cartas já circulam em algumas províncias de seus Estados a esse respeito; que é preciso que exerça uma polícia rigorosa e geral em todos os seus Estados e, sobretudo, na capital; que também é preciso que reabilite o dia do Senhor, a fim de que o santifiquem, pois esse dia santo é desconhecido por grande parte de seu povo; que mande interromper os trabalhos públicos nesses dias; que faça ordenar preces públicas pela conversão do povo; que o estimule à penitência; que mande abolir e aniquilar todas as desordens que se cometem nos dias que antecedem a quaresma; a não ser assim, a França cairá em novas desgraças.”

Um pouco surpreso pela súbita aparição, Martin lhe respondeu: “Mas bem podeis ir encontrar outros, que não eu, para uma incumbência como esta. Não é com mãos assim (sujas de esterco) que vou falar ao rei!”

– Não, replicou o desconhecido, sois vós que ireis. – Mas, replicou Martin, já que sabeis tanto, bem podeis ir vós mesmo procurar o rei e lhe dizer tudo isto. Por que vos dirigis a um pobre homem como eu, que nem sabe explicar-se? – Não serei eu a ir, disse o desconhecido, sereis vós; prestai atenção no que digo e fazei tudo o que vos ordeno.

Depois destas palavras Martin o viu desaparecer mais ou menos assim: seus pés pareceram elevar-se do solo, a cabeça baixar e o corpo, se encolhendo, acabou por desaparecer à altura da cintura, como se se tivesse evaporado no ar. Mais espantado por esta maneira de desaparecer do que pela aparição súbita, Martin quis ir-se embora, mas não pôde; ficou, mau grado seu, e voltou à sua tarefa que, devendo durar duas horas e meia, não durou senão hora e meia, o que redobrou o seu espanto.

Talvez achem pueris certas recomendações que Martin deveria fazer ao rei, sobretudo no que concerne à observação do domingo, em relação ao meio, aparentemente sobrenatural, empregado em lhas transmitir, e às dificuldades que tal providência deveria encontrar. Mas é provável que não fosse senão uma espécie de passaporte para chegar a ele, porque o objetivo principal da revelação, que era muito mais grave, não devia ser conhecido, como se verá mais tarde, senão no momento da entrevista. O essencial era que Martin pudesse chegar até o rei, e para isso a intervenção de alguns membros do alto clero era necessária. Ora, sabe-se a importância que o clero atribui à observação do domingo; como o soberano não haveria de sensibilizar-se, quando a voz do céu ia fazer-se ouvir por um milagre? Convinha, pois, favorecer Martin, em vez de o desanimar. Todavia, era preciso que as coisas marchassem por si mesmas.

Martin apressou-se em contar ao seu irmão o que lhe tinha acontecido e ambos foram comunicá-lo ao cura da paróquia, o Sr. Laperruque, que se esforçou por dissuadir Martin a levar a coisa à conta de sua imaginação.

No dia 18, às seis horas da tarde, tendo Martin descido ao porão para apanhar batatas, o mesmo indivíduo lhe apareceu de pé, ao seu lado, enquanto estava ajoelhado, ocupado em as recolher. Apavorado, lá deixa a candeia e foge. No 18, nova aparição à entrada de um lagar e Martin ainda foge.

No domingo, 21 de janeiro, Martin entrava na igreja à hora das vésperas; quando tomava água benta, percebeu o desconhecido, que também a tomava e que o seguiu até a entrada de seu banco. Durante toda o desenrolar do ofício esteve muito recolhido e Martin notou que ele não tinha o chapéu na cabeça nem nas mãos. Ao sair da igreja o seguiu até sua casa, caminhando ao seu lado, com o chapéu na cabeça. Chegados ao portão largo, achou-se de repente diante dele, face a face, e lhe disse: “Desobrigai-vos de vosso encargo e fazei o que vos disse; não vos deixarei em paz enquanto vossa obrigação não for cumprida.” Mal pronunciou estas palavras, desapareceu, sem que desta vez, nem das aparições seguintes, Martin o tivesse visto desaparecer gradualmente, como da primeira vez. Em 24 de janeiro, nova aparição no celeiro, seguida destas palavras: “Fazei o que vos ordeno; é tempo.”

Notemos estes dois modos de desaparecimento: o primeiro, que não poderia ser o caso de um ser corporal em carne e osso, sem dúvida tinha por objetivo provar que era um ser fluídico, estranho à humanidade material, circunstância que deveria ser realçada 50 anos mais tarde e explicada pelo Espiritismo, cujas doutrinas confirmava, ao mesmo tempo que devia fornecer um assunto de estudo.

Sabe-se que nestes últimos tempos a incredulidade procurou explicar as aparições por efeitos de óptica e que, quando apareceram em alguns teatros fenômenos artificiais deste gênero, produzidos por uma combinação de espelhos e luzes, houve uma grita geral na imprensa, para dizer: “Eis, enfim, descoberto o

segredo de todas as aparições! É com o auxílio de tais meios que essa crença absurda se espalhou em todos os tempos e que pessoas crédulas se deixaram iludir por subterfúgios!”

Nós refutamos, como não podia deixar de ser (*Revista*, julho de 1863), essa estranha explicação, digna contrapartida do famoso músculo estalante, do doutor Jobert de Lamballe, que acusava todos os espíritas de loucos e que ele mesmo, infelizmente, mofou vários anos num hospício de alienados. Mas perguntaremos, no caso de que aqui se trata, por que e como os aparelhos desta natureza, necessariamente complicados e volumosos, poderiam ter sido dispostos e manobrados num campo isolado de qualquer habitação, e onde Martin se achava absolutamente só, sem que nada tivesse percebido? Como esses mesmos aparelhos, que funcionam na obscuridade com o auxílio de luzes artificiais, poderiam ter produzido uma imagem em pleno sol? Como poderiam ter sido instantaneamente transportados para o porão e para o celeiro, locais que pouco se prestam a maquinações, para a igreja e daí seguir Martin até sua casa, sem que ninguém tivesse notado algo? Essas espécies de imagens artificiais são vistas por todos os espectadores. Como é que na igreja, e ao sair da igreja, somente Martin viu o indivíduo? Dirão que nada viu, mas que, de boa-fé, foi vítima de uma alucinação? Esta explicação é desmentida pelo fato material das revelações feitas ao rei e que, como se verá, não podiam ser conhecidas previamente por Martin. Há nisso um resultado positivo, material, que não é peculiar às ilusões.

O cura de Gallardon, a quem Martin dava fiel conta das aparições, e que lhes tomava nota exata, julgou por bem se dirigir ao seu bispo, em Versalhes, para o qual lhe deu uma carta de recomendação circunstanciada. Lá, Martin repetiu tudo quanto havia visto e, depois de diversas perguntas, o bispo o encarregou de perguntar ao desconhecido, de sua parte, se ele se apresentaria, seu nome, quem era e quem o enviara, recomendando-lhe que dissesse tudo ao seu cura.

Alguns dias depois do regresso de Martin, o sr. cura recebeu uma carta de seu bispo, pela qual lhe testemunhava que o homem que lhe tinha enviado parecia ter grandes luzes sobre o objetivo importante de que tratava. A partir daí estabeleceu-se uma correspondência contínua entre o bispo e o cura de Gallardon. O monsenhor, por seu lado, em face da gravidade da primeira aparição, julgou por bem fazer desta um caso ministerial e de polícia; em consequência, enviava todo relatório que recebia do sr. cura ao Sr. Decazes, ministro da polícia geral.

Terça-feira, 30 de janeiro, o desconhecido apareceu novamente a Martin e lhe disse: “Vossa incumbência está bem começada, mas os que a têm nas mãos, dela não se ocupam; eu estava presente, embora invisível, quando fizestes vossa declaração; foi-vos dito para perguntar meu nome e da parte de quem eu vinha; meu nome ficará ignorado, e aquele que me enviou (mostrando o Céu) está acima de mim. – Por que vos dirigis sempre a mim, replicou Martin, para uma missão como esta, logo eu que sou apenas um camponês? Há tanta gente de espírito! – É para abater o orgulho, disse o desconhecido, mostrando a terra; não deveis vos orgulhar do que vistes e ouvistes, porque o orgulho desagrade soberanamente a Deus; praticai a virtude; assisti aos officios que se fazem em vossa paróquia aos domingos e dias de festa; evitai os cabarés e as más companhias, onde se cometem toda sorte de impurezas e onde imperam as más conversas. Não façais nenhum carroto aos domingos e feriados.”

Durante o mês de fevereiro, o desconhecido ainda apareceu várias vezes a Martin, dizendo-lhe, entre outras coisas: “Persisti, ó meu amigo, e conseguireis. Aparecereis diante da incredulidade e a confundireis; tenho ainda outra coisa a vos dizer que os convencerá e nada terão a responder. – Apressai vossa missão; não fazem nada do que vos tenho dito; os que têm o caso nas mãos estão inebriados de orgulho; a França está num estado de delírio; será entregue a toda sorte de desgraças. – Ireis encontrar o

rei; dir-lhe-eis o que anunciei; ele poderá admitir consigo seu irmão e seus sobrinhos. Quando estiverdes diante do rei eu vos descobrirei coisas secretas do tempo de seu exílio, mas cujo conhecimento só vos será dado no momento em que fordes levado à sua presença.”

Entremettes, o Sr. conde de Breteuil, prefeito de Chartres, recebeu uma carta do ministro da polícia geral, que o convidava a verificar “se essas aparições dadas como miraculosas não eram antes um jogo da imaginação de Martin, verdadeira ilusão de seu espírito exaltado, ou, enfim, se o pretense enviado desconhecido e, talvez, o próprio Martin, não deveriam ser severamente examinados pela polícia e em seguida entregues aos tribunais.”

No dia 5 de março Martin recebeu a visita de seu desconhecido, que lhe disse: “Em breve comparecereis perante o primeiro magistrado de vosso Departamento; é preciso que relateis as coisas como vos são anunciadas; não deveis levar em consideração nem a qualidade nem a dignidade.”

Martin não tinha sido informado de que devia ir ao prefeito; aqui, portanto, não se trata de simples comunicação sobre uma coisa vaga: é a previsão de um fato que vai realizar-se. Isto é constantemente repetido durante a série desses acontecimentos; Martin sempre foi informado por seu desconhecido do que lhe aconteceria, das pessoas em presença das quais iria encontrar-se, dos lugares onde seria conduzido. Ora, isto não é o resultado da ilusão e das coisas quiméricas. Desde que o indivíduo diz a Martin: amanhã vereis tal pessoa, ou sereis conduzido a tal lugar e a coisa se realiza, é um fato positivo que não pode resultar da imaginação.

No dia seguinte, 6 de março, acompanhado pelo sr. cura, Martin foi à casa do prefeito, em Chartres. Inicialmente este se entreteve longamente em particular com o sr. cura; depois,

mandando entrar Martin, perguntou: “Mas se eu o algemassem e prendesse por anunciar semelhantes coisas, continuaríeis a dizer o que enunciais? – Como quizerdes, respondeu Martin sem se intimidar; não posso dizer senão a verdade. – Mas, prosseguiu o sr. prefeito, se aparecêsseis diante de uma autoridade superior à minha, por exemplo, perante o ministro, sustentaríeis o que acabais de dizer-me? – Sim, senhor, replicou Martin, e diante do próprio rei.”

Surpreendido por tanta segurança, aliada a tamanha simplicidade, e mais ainda pelos estranhos relatos que lhe havia feito o cura, o prefeito decidiu-se a enviar Martin ao ministro. No dia seguinte, 7 de março, Martin partia com destino a Paris, escoltado pelo Sr. André, tenente de polícia, que tinha ordem de vigiar todos os seus passos e de não o deixar nem de dia, nem de noite. Hospedaram-se na Rua Montmartre, “hôtel de Calais”, num quarto de dois leitos. Na sexta-feira, 8 de março, o Sr. André conduziu Martin ao quartel-general da polícia. Ao entrar no pátio do hotel, o desconhecido se lhe apresentou e disse: “Ireis ser interrogado de várias maneiras; não vos amedronteis nem vos inquieteis, mas dizei as coisas como elas são.” Depois destas palavras, desapareceu.

Não relataremos aqui todos os interrogatórios a que foi submetido Martin, pelo ministro e seus secretários, sem que ele se deixasse intimidar pelas ameaças, nem se desconcertar pelas armadilhas que lhe estendiam, para fazê-lo cair em contradição, confundindo seus interrogadores por suas respostas cheias de senso e de sangue-frio. Tendo Martin descrito seu desconhecido, o ministro lhe disse: “Pois bem! não o vereis mais, porque acabo de o prender. – Eh! Como pudeste prendê-lo, redargüiu Martin, já que ele desaparece como um relâmpago? – Se desaparece para vós, retomou o ministro, não desaparece para todo o mundo. E dirigindo-se a um de seus secretários: Ide ver se esse homem que mandei prender ainda está na prisão.”

Alguns instantes depois o secretário voltou e respondeu: “Senhor, ele está sempre lá. – Pois bem! disse Martin, se o prendestes e mo mostrardes, eu o reconhecerei; eu o vi muitas vezes para isto.”

A seguir veio um homem que examinou cuidadosamente a cabeça de Martin, afastando seus cabelos à direita e à esquerda; o ministro também fez o mesmo, sem dúvida para verificar se não tinha qualquer sinal indicador de loucura, ao que Martin se contentava em dizer: “Olhai quanto quiserdes, jamais adoeci em minha vida.”

Voltando ao hotel, à noite Martin disse ao Sr. André: “Mas o ministro me tinha dito que havia posto na prisão o homem que me aparecia. Então o soltou, pois me apareceu depois e me disse: Fostes interrogado hoje, mas não querem fazer o que eu disse. Aquele que vistes esta manhã quis que acreditásseis que me haviam detido; dizei-lhe que ele não tem nenhum poder sobre mim e que já é tempo para o rei ser avisado.” No mesmo instante o Sr. André foi fazer o seu relatório à polícia, enquanto Martin, sem se inquietar, deitou e dormiu sossegadamente.

No dia seguinte, 9, tendo Martin descido para pedir as botas do tenente, o desconhecido se apresentou no meio da escada e lhe disse: “Sereis visitado por um médico que vem constatar se tendes a imaginação impressionável ou se perdestes a cabeça; mas os que o enviam são mais loucos do que vós.” Com efeito, no mesmo dia o célebre alienista, Sr. Pinel, veio visitá-lo e o submeteu a um interrogatório apropriado a esse gênero de informação. “A despeito de sua habilidade – diz o relatório – foi incapaz de obter qualquer indicação, por menor que fosse, de provável alienação. Suas pesquisas não levaram senão a uma simples conjectura da *possibilidade* de alucinação e de mania intermitente.”

Para certas pessoas, parece que nada mais é preciso para ser tachado de loucura: basta não pensar como eles. Eis por que os que crêem em alguma coisa do outro mundo passam por loucos aos olhos dos que em nada acreditam.

Depois da visita do doutor Pinel, o desconhecido apresentou-se a Martin e lhe disse. “É preciso que vades falar ao rei. Quando estiverdes em sua presença eu vos inspirarei sobre o que devereis dizer-lhe. *Sirvo-me de vós para abater o orgulho e a incredulidade.* Tratam de afastar o caso, mas se não conseguirdes o vosso intento, ele será desvendado por outra via.”

No dia 10 de março, estando Martin em seu quarto, o desconhecido lhe apareceu e disse: “Eu havia dito que meu nome ficaria ignorado, mas, já que a incredulidade é tão grande, é preciso que vos revele o meu nome. Sou o anjo Rafael, anjo muito famoso junto a Deus. Tenho o poder de ferir a França com toda a sorte de flagelos.” A estas palavras, Martin foi tomado de pavor e sentiu uma espécie de crispação.

Outro dia, tendo saído com Martin o Sr. André encontrou um oficial amigo seu, com o qual conversou durante uma hora, em inglês, língua que naturalmente Martin não entendia. No dia seguinte o desconhecido, que ele agora chama anjo, lhe disse: “Os que ontem estavam convosco falaram a vosso respeito, mas não entendíeis sua linguagem; disseram que vínheis para falar ao rei e um disse que quando voltasse à sua terra o outro lhe daria notícias, para saber como a coisa se teria passado.” O Sr. André, a quem Martin dava conta de todas as suas conversas com o desconhecido, ficou muito surpreendido por ver que o que tinha dito em inglês, para não ser compreendido pelo camponês, estava descoberto.

Embora o relatório do doutor Pinel não concluísse pela loucura, mas apenas por uma *possibilidade* de alucinação, Martin não

deixou de ser levado ao hospício de Charenton, onde ficou de 13 de março a 2 de abril. Lá foi objeto de minuciosa vigilância e submetido ao estudo especial dos especialistas. Igualmente fizeram inquéritos em sua terra, sobre os seus antecedentes e os de sua família, sem que, a despeito de todas as investigações, tivessem constatado a menor aparência ou causa predeterminante de loucura. Para render homenagem à verdade, deve-se dizer que ali foi sempre tratado com muita atenção da parte do Sr. Royer-Collard, diretor-chefe da casa, e por outros médicos, e que não o submeteram a nenhum desses tratamentos em uso nesses tipos de estabelecimentos. Se ali foi colocado, era bem menos por medida de seqüestro do que para ter mais facilidade de observar o seu real estado de espírito.

Durante sua estada em Charenton, teve visitas muito freqüentes de seu desconhecido, as quais não apresentaram nenhuma particularidade notável, a não ser esta em que lhe disse: “Haverá discussões: uns dirão que é imaginação; outros, que é um anjo de luz; outros, ainda, que é um anjo das trevas. Eu vos permito que me toqueis.” Então, contou Martin, ele me tomou a mão direita e a apertou; depois abriu o redingote pela frente e, quando este estava aberto, pareceu-me mais brilhante que os raios do Sol. Não pude encará-lo; fui obrigado a pôr a mão em frente aos olhos. Quando ele fechou o redingote, nada mais vi brilhando; ele me pareceu como antes. Esse abrir e fechar se operaram sem nenhum movimento de sua parte.

Outra vez, quando escrevia ao seu irmão, viu ao seu lado o desconhecido, que lhe ditou uma parte da carta, lembrando as predições que havia feito sobre as desgraças de que a França estava ameaçada. Eis, pois, Martin ao mesmo tempo médium vidente e escrevente.

Por mais cuidado que tivessem tomado para que o caso não se espalhasse, este não deixou de causar certa sensação nas

altas rodas oficiais. Entretanto, é provável que tivesse dado em nada, se o arcebispo de Reims, grande capelão de França, depois arcebispo de Paris e cardeal Périgord, nele não se tivesse interessado. Falou a Luís XVIII e lhe propôs receber Martin. O rei lhe declarou que ainda não tinha ouvido falar do caso, tanto é certo que, muitas vezes, os soberanos são os últimos a saber o que se passa em seu redor e mais lhes interessa. Em consequência, ordenou que Martin lhe fosse apresentado.

Em 2 de abril Martin foi conduzido de Charenton à casa do ministro da polícia-geral. Enquanto esperava o momento de ser recebido, seu desconhecido lhe apareceu e disse: “Ireis falar ao rei e estareis só com ele; não temais aparecer diante dele; quanto ao que tereis a lhe dizer, as palavras vos virão à boca.” Foi a última vez que o viu. O ministro o acolheu com muita benevolência e disse que o mandaria levar ao Palácio das Tulherias.

Geralmente acredita-se que Martin veio por si mesmo a Paris, apresentou-se no palácio, insistindo em falar ao rei; que, repellido, voltou à carga com tanta persistência que Luís XVIII, tendo sido informado, ordenou que o fizessem entrar. Como se vê, as coisas se passaram de outro modo. Não foi senão em 1828, quatro anos depois da morte do rei, que ele deu a conhecer as particularidades secretas que lhe revelou e que lhe causaram profunda impressão, pois tal era o objetivo essencial dessa visita; os outros motivos alegados, como dissemos, não passaram de um meio de chegar a ele. Seu desconhecido lhe deixou ignorar essas coisas até o último momento, temendo que uma indiscrição arrancada pelo artifício dos interrogatórios fizesse o projeto fracassar, o que inevitavelmente teria ocorrido. Depois de sua visita ao rei, Martin foi despedir-se do diretor de Charenton e partiu imediatamente para sua terra, onde retomou o curso habitual de seus trabalhos, sem jamais se atribuir qualquer mérito pelo que lhe tinha acontecido.

O objetivo a que nos propúnhamos neste relato era mostrar os pontos pelos quais ele se liga ao Espiritismo. Sendo as particularidades reveladas a Luís XVIII estranhas ao nosso assunto, abster-nos-emos de as mencionar. Diremos apenas que elas se referiam a coisas de família da maior intimidade; comoveram o rei a ponto de o fazer chorar muito, declarando este mais tarde que as coisas que lhe tinham sido reveladas só eram conhecidas por Deus e por ele. Elas tiveram por conseqüência fazê-lo renunciar à sagração, cujos preparativos já haviam sido ordenados.²⁵

Não reportaremos dessa entrevista senão algumas passagens da ata escrita em 1828, ditada pelo próprio Martin, onde se descreve o caráter e a simplicidade do homem.

“Chegamos às Tulherias pelas três horas e sem que ninguém houvesse dito algo. Chegamos até o primeiro oficial de Luís XVIII, a quem foi entregue uma carta e que, depois de a ter lido, me disse: Segui-me. Paramos por alguns momentos, porque o Sr. Decazes estava com o rei. Quando o ministro saiu eu entrei e, antes que eu dissesse uma palavra o rei ordenou ao oficial que se retirasse e fechasse as portas.

O rei estava sentado à sua mesa, diante da porta. Havia penas, papéis e livros. Saudei o rei, dizendo: “Senhor, eu vos saúdo.” O rei me disse: “Bom-dia, Martin.” Então falei com meus botões: Ele sabe o meu nome. “Certamente, senhor, sabeis por que venho”. – “Sim; sei que tendes algo a me dizer e disseram-me que era algo que só podeis dizer a mim. Sentai.” Então eu me sentei numa poltrona em frente ao rei, de modo que só havia a mesa entre nós. Perguntei-lhe como passava. – O rei me disse: “Passo um

25 Os detalhes circunstanciados e as provas em apoio se acham numa obra intitulada: *O passado e o futuro explicados pelos acontecimentos extraordinários ocorridos a Thomas Martin, lavrador da Beauce*. – Paris, 1832, Casa BRICON livreiro, rue du Vieux-Colombier, 19; Marselha, mesma casa, rue du Saint-Sépulcre, 17. – Esta obra, hoje esgotada, é muito rara.

pouco melhor do que nestes dias passados; e vós, como passais? – Eu passo bem. – Qual o objetivo de vossa viagem? – E eu lhe disse: Podeis mandar chamar, se quiserdes, vosso irmão e seus filhos. O rei me interrompeu, dizendo: É inútil; eu lhes direi o que me tiverdes dito.” Depois disto, contei ao rei todas as aparições que eu tinha tido e que estão na ata.

“Eu sei tudo isto; o arcebispo de Reims já mo havia dito tudo. Mas parece que tendes algo a me dizer em particular e em segredo.” Então senti virem à minha boca as palavras que o anjo me havia prometido, e disse ao rei: “O segredo que tenho a vos dizer é que...” (Seguem detalhes sobre certas medidas a tomar e a maneira de governar, que, como as instruções dadas na continuação da conversa, não podiam ser inspiradas senão naquele momento, pois estão fora do alcance do grau de cultura de Martin).

“Foi a este relato que o rei, tocado de espanto e profundamente emocionado, disse: ‘Ó meu Deus! ó meu Deus! isto é bem certo; só eu, vós e Deus sabemos isto; prometei guardar o maior segredo sobre estas comunicações.’ E eu lhe prometi. Depois disto eu lhe disse: ‘Evitai fazer-vos sagrar; se o tentásseis, seríeis ferido de morte na cerimônia da sagração.’ Desde esse momento até o fim da conversa o rei chorava sempre.”

Quando terminei, ele me disse que o anjo que me havia aparecido era o que conduzia o jovem Tobias a Rages e que o fez casar. Depois perguntou qual de minhas mãos o anjo havia apertado. Eu respondi: “Esta”, mostrando a direita. O rei ma tomou, dizendo: “Que eu toque a mão que o anjo apertou. Orai sempre por mim. – Claro, senhor; eu e minha família, assim como o sr. cura de Gallardon, temos sempre orado para que o caso tivesse bom termo.”

Saudei o rei, dizendo-lhe: “Eu vos desejo boa saúde. Senhor, foi-me dito, uma vez cumprida minha missão junto a vós,

que vos pedisse permissão para voltar à minha família; que não o recusaríeis e que nada me sucederia de mal. – Nada sofrereis. Dei ordens para que vos despachassem. O ministro vai providenciar jantar e leito, e papéis para que possais voltar amanhã. – Mas eu ficaria contente se voltasse a Charenton para me despedir e apanhar uma camisa que lá deixei. – Não vos causa desgosto ficar em Charenton? Estáveis bem lá? – Nenhum desgosto; e se não tivesse certeza de lá ter estado bem, não pediria para voltar. – Pois bem! já que o desejais, o ministro vos conduzirá de minha parte.”

Voltei a encontrar o meu condutor, que me esperava, e fomos juntos à casa do ministro.

Feito em Gallardon, em 9 de março de 1828.

Assinado: Thomas Martin

A conversa de Martin com o rei durou pelo menos 55 minutos.

Se, depois de sua visita ao rei, Martin não mais viu seu desconhecido, as manifestações não deixaram de continuar sob outra forma; de médium vidente, tornou-se médium auditivo. Eis alguns fragmentos de cartas que ele escrevia ao antigo cura de Gallardon:

28 de janeiro de 1821

“Sr. cura, escrevo para vos dar conhecimento de uma coisa que me aconteceu. Terça-feira passada, 23 de janeiro, estando à charrua e sem ter visto ninguém, ouvi uma voz que me falou, dizendo: ‘Filho de Japhet! pára e presta atenção nas palavras que te são dirigidas.’ No mesmo instante os meus cavalos pararam, sem que eu nada tivesse dito, pois estava muito admirado. Eis o que me disseram: “Nesta grande região uma grande árvore será plantada e, na mesma cepa, será plantada outra que é inferior à primeira; a

segunda árvore tem dois galhos, dos quais um se quebrou e logo depois secou por um vento furioso e esse vento não cessou de soprar. No lugar desse galho surgiu outro, novo, tenro, que o substituiu; mas esse vento, que é sempre agitado, elevar-se-á um dia com tais abalos que... e depois desta catástrofe espantosa, os povos estarão na última desolação. Ora, meu filho, para que esses dias sejam abreviados; invoca o céu para que o vento fatal, saindo do noroeste, seja barrado por barreiras poderosas, e que seus progressos nada tenham de repugnante. Estas coisas são obscuras para ti, mas outros as compreenderão facilmente.”

“Eis, senhor, o que me aconteceu terça-feira, cerca de uma hora da tarde. Não compreendo nada disto. Vós me direis, se compreenderdes alguma coisa. A ninguém falei de tudo isto, nem mesmo à minha mulher, pois o mundo é mau. Eu estava *resolvido* a guardar tudo isto em silêncio, mas me decidi a vos escrever hoje, porque esta noite não pude dormir e tenho tido sempre estas palavras na memória; rogo que as guardeis em segredo, porque o mundo zombaria delas. Senhor, trataram-me de filho de Japhet. Não conheço ninguém em nossa família com este nome. Talvez se tenham enganado ou me tomaram por outro.”

8 de fevereiro de 1821

“Eu vos tinha proibido de falar do que vos contei; errei, porque isto não pode ficar oculto. Necessariamente é preciso que isto passe diante dos grandes e dos primeiros do Estado, para que se veja o perigo de que estão ameaçados, pois o vento de que vos falei antes vai provocar terríveis desastres, porque o vento sopra sempre em torno da árvore. Se não prestarem atenção a isto, em pouco esta estará derrubada. No mesmo momento outra árvore, com o que dela sai, experimentará a mesma sorte. Ontem a mesma voz me veio falar, e nada vi.”

21 de fevereiro de 1821

“Senhor, esta manhã tive um grande pavor. Eram nove horas. Ouvi um grande barulho junto a mim e nada vi, mas ouvi falar, depois que o ruído cessou, e me disseram: Por que tivestes medo? não temais; não venho fazer mal algum. Estais surpreendido de ouvir falar e nada ver; não vos admireis; é preciso que as coisas sejam descobertas; *sirvo-me de vós para vos enviar, como sou enviado*. Os filósofos, os incrédulos, os ímpios não crêem que suas manobras sejam vistas, mas é preciso que sejam confundidos... Ficai tranqüilo, continuei a ser o que tendes sido; vossos dias estão contados e não vos escapará um só. Proíbo que vos prosterneis diante de mim, porque sou apenas um servo como vós.”

“Senhor, eis o que me foi dito; não sei qual a pessoa que me fala; tem a voz bastante forte e muito clara. Tive a idéia de falar, mas não ousei, pois não vejo ninguém.”

Resta saber qual é a individualidade do Espírito que se manifestou. Era, realmente, o anjo Rafael? Há fortes razões para o duvidar e haveria muitas coisas a dizer contra tal opinião. Mas, em nossa opinião, esta é uma questão secundária. O fato capital é o da manifestação, da qual não se poderia duvidar, cujos incidentes têm sua razão de ser pelo resultado proposto, e hoje têm o seu lado instrutivo.

Um fato que, sem dúvida, não terá escapado a ninguém, é o das palavras de Martin, a respeito de uma soma que lhe ofereceram: “Como a coisa não vem de mim, dizia ele, nada devo receber por isto.” Eis, pois, um simples camponês, médium inconsciente que, há cinquenta anos, época na qual se estava longe de pensar no Espiritismo, tem, por si mesmo, a intuição dos deveres impostos pela mediunidade, da santidade deste mandato. Seu bom-senso, sua lealdade natural lhe fazem compreender que o que vem de uma fonte celeste, e não dele mesmo, não deve ser pago.

Talvez se admirem das dificuldades que encontrou Martin para desempenhar a missão de que estava encarregado. Por que, dirão, os Espíritos não o fizeram chegar diretamente ao rei? Como vimos, essas dificuldades, essa lentidão tiveram sua utilidade. Era preciso que ele passasse por Charenton, onde sua razão foi submetida às investigações mais rigorosas da ciência oficial e pouco crédula, a fim de que fosse constatado que não era louco, nem exaltado. Como se viu, os Espíritos triunfaram dos obstáculos interpostos pelos homens, mas como estes têm o seu livre-arbítrio, não os podiam impedir de pôr entraves.

Notemos, a propósito, que Martin não fez, a bem dizer, nenhum esforço para chegar ao rei. As circunstâncias a isso o conduziram, quase que à sua revelia, e sem que tivesse sido necessário insistir muito. Ora, essas circunstâncias evidentemente foram conduzidas pelos Espíritos, agindo sobre o pensamento dos encarnados, porque a missão de Martin era séria e devia realizar-se.

Dá-se o mesmo em todos os casos análogos. Além da questão da prudência, é evidente que, sem as dificuldades que há de chegar a eles, os soberanos seriam assaltados por pretensos reveladores. Nestes últimos tempos, quanta gente se julgou chamada a semelhantes missões, que era apenas o resultado de obsessões, em que o seu orgulho era posto em jogo, mau grado seu, e não podia resultar senão em mistificações! A todos os que julgaram dever consultar-nos em semelhantes casos, sempre dissemos, demonstrando os sinais evidentes pelos quais se traem os Espíritos mentirosos: “Guardai-vos de qualquer manobra que, infalivelmente, vos levaria à confusão. Ficai certos de que se vossa missão for real, sereis postos em condições de realizá-la; que, num dado momento, se tiverdes de vos encontrar num certo lugar, a ele sereis conduzido, mau grado vosso, por circunstâncias que terão a aparência de ser um efeito do acaso. Além disso, assegurai-vos de que uma coisa, quando estiver nos desígnios de Deus, haverá de realizar-se, e que ele não subordina tal realização à boa ou à má

vontade dos homens. Desconfiai das missões fixadas e pregadas por antecipação, porque não passam de excitantes para o orgulho; as missões se revelam por fatos. Desconfiai também das predições em dia e hora certos, porque os Espíritos sérios jamais agem assim.” Temos sido bastante felizes para deter algumas delas, a quem os acontecimentos puderam provar a prudência destes conselhos.

Como se vê, há mais de uma similitude entre estes fatos e os de Joana d’Arc, não que haja qualquer comparação a estabelecer quanto à importância dos resultados realizados, mas quanto à causa do fenômeno, que é exatamente a mesma e, até certo ponto, quanto ao objetivo. Como Joana d’Arc, Martin foi advertido por um ser do mundo espiritual para ir falar ao rei para salvar a França de um perigo e, também como ela, não foi sem dificuldade que chegou até ele. Há, todavia, entre as duas manifestações, esta diferença: Joana d’Arc apenas ouvia as vozes que a aconselhavam, ao passo que Martin via constantemente o indivíduo que lhe falava, não em sonho ou em sono extático, mas sob a aparência de um ser vivo, como o seria um agênera.

Mas de outro ponto de vista, os fatos acontecidos a Martin, embora menos retumbantes, nem por isso tiveram menor alcance, como prova da existência do mundo espiritual e de suas relações com o mundo corporal, e porque, sendo contemporâneos e de incontestável notoriedade, não podem ser postos no rol das histórias lendárias. Por sua repercussão, serviram de balizas ao Espiritismo, que devia, poucos anos depois, confirmar a sua possibilidade por uma explicação racional e, pela lei em virtude da qual se produzem, fazê-los passar do domínio do maravilhoso para o dos fenômenos naturais. Graças ao Espiritismo, não há uma só das fases apresentadas pelas revelações de Martin, das quais não se possa dar conta perfeitamente.

Martin era médium inconsciente, dotado de uma aptidão de que se serviram os Espíritos, como de um instrumento,

para chegar a um resultado determinado, e esse resultado estava longe de estar inteiro na revelação feita a Luís XVIII. O Espírito que se manifestou a Martin o caracteriza perfeitamente, dizendo; “Eu me sirvo de vós para abater o orgulho e a incredulidade.” Esta é a missão de todos os médiuns destinados a provar, por fatos de todos os gêneros, a existência do mundo espiritual e de uma força superior à Humanidade, porque tal é o objetivo providencial das manifestações. Acrescentaremos que o próprio rei foi instrumento nesta circunstância. Era preciso uma posição tão elevada quanto a sua, a própria dificuldade de ale chegar, para que o caso tivesse repercussão, e a autoridade de uma coisa oficial. As minuciosas investigações a que Martin foi submetido só podiam aumentar a autenticidade dos fatos, porque não teriam tomado todas estas precauções para um simples particular. A coisa teria passado quase despercebida, ao passo que ainda hoje a recordam e ela fornece uma prova autêntica em apoio dos fenômenos espíritas.

O Príncipe de Hohenlohe Médium Curador

A mediunidade curadora está na ordem do dia, e tudo quanto se liga a esta questão oferece um interesse de atualidade. Tomamos do *Vérité*, de Lyon, de 21 de outubro de 1866, o artigo seguinte sobre as curas do príncipe de Hohenlohe, que fizeram grande sensação na época. Esta notícia faz parte de uma série de artigos muito instrutivos sobre os médiuns curadores.

A este respeito, sentimo-nos felizes por constatar que o *Vérité*, que está no seu quarto ano, prossegue com sucesso o curso de suas sábias e interessantes publicações, que projetam luz sobre a história do Espiritismo e no-lo mostram em toda parte, na antiguidade como nos tempos modernos. Se, sobre certos pontos, não partilhamos de todas as opiniões de seu principal redator, o Sr.

A. P..., não deixamos de reconhecer que, por suas laboriosas pesquisas, ele presta à causa um serviço real, que todos os espíritas sérios apreciam.

Com efeito, provar que a Doutrina Espírita atual é a síntese de crenças universalmente espalhadas, partilhadas por homens cuja palavra faz autoridade e que foram nossos primeiros mestres em filosofia, é mostrar que ela não se assenta sobre a base frágil da opinião de um só. Que desejam os espíritas, senão encontrar o maior número possível de aderentes às suas crenças? Para eles, isto deve ser uma satisfação e, ao mesmo tempo, uma consagração de suas idéias, encontrá-las mesmo antes deles. Jamais compreendemos que homens de bom-senso tenham podido concluir contra o Espiritismo moderno que ele não é o primeiro inventor dos princípios que proclama, ao passo que aí está precisamente o que constitui uma parte de sua força e deve acreditá-lo. Alegar a sua ancianidade para o denegrir, é mostrar-se soberanamente ilógico, e tanto mais desajeitado quanto ele jamais se atribuiu o mérito da primeira descoberta. É, pois, equivocarse estranhamente sobre os sentimentos que animam os espíritas, atribuir a estes idéias muito estreitas, e uma tola pretensão pensar em os molestar, objetando-lhes que o que professam era conhecido antes deles, quando os espíritas são os primeiros a explorar o passado para aí descobrir os traços da ancianidade de suas crenças, que fazem remontar às primeiras idades do mundo, porque são fundadas em leis da Natureza, que são eternas.

Nenhuma grande verdade saiu, com todas as suas peças, do cérebro de um indivíduo; todas, sem exceção, tiveram precursores, que as pressentiram ou as entreviram em algumas partes. O Espiritismo se honra, pois, de contar os seus por milhares e entre os homens mais justamente considerados. Pô-los à luz é mostrar o número infinito de pontos pelos quais ele se liga à história da Humanidade.

Mas em parte alguma o Espiritismo encontra-se completo; sua coordenação em corpo de doutrina, com todas as suas conseqüências e suas aplicações, sua correlação com as ciências positivas, é uma obra essencialmente moderna, mas por toda parte encontram-se os seus elementos esparsos, misturados a crenças supersticiosas de que foi preciso fazer a triagem. Se se reunissem as idéias que se acham disseminadas na maioria das filosofias modernas, nos escritores sacros e profanos, os fatos inumeráveis e infinitamente variados que se produziram em todas as épocas, e que atestam as relações do mundo visível e do mundo invisível, chegar-se-ia a constituir o Espiritismo tal qual é hoje: é o argumento invocado contra ele por certos detratores. Foi assim que ele procedeu? É uma compilação de idéias antigas rejuvenescidas pela forma? Não; ele saiu todo inteiro das observações recentes, mas, longe de se julgar diminuído pelo que foi dito e observado antes dele, sente-se fortificado e engrandecido.

Uma história do Espiritismo antes da época atual ainda está por fazer. Um trabalho desta natureza, feito conscienciosamente, escrito com precisão, clareza, *sem desenvolvimentos supérfluos e fastidiosos*, que tornariam penosa sua leitura, seria uma obra eminentemente útil, um documento precioso a consultar. Seria antes uma obra de paciência e de erudição que uma obra literária, e que consistiria principalmente na citação das passagens dos diversos escritores que emitiram pensamentos, doutrinas ou teorias que se acham no Espiritismo de hoje. Aquele que fizer esse trabalho com seriedade terá muito merecido da Doutrina.

Voltemos ao nosso assunto, do qual, sem o querer, nos desviamos um pouco, mas talvez não sem utilidade.

O Espiritismo moderno não descobriu nem inventou a mediunidade curadora e os médiuns curadores, como não descobriu nem inventou os outros fenômenos espíritas. Desde que a mediunidade curadora é uma faculdade natural, submetida a uma

lei, como todos os fenômenos da Natureza, deve ter-se produzido em diversas épocas, como o constata a História; mas estava reservado ao nosso tempo, com o auxílio das novas luzes que possuímos, lhe dar uma explicação racional e fazê-la sair do domínio do maravilhoso. O príncipe de Hohenlohe nos oferece um exemplo, tanto mais notável porque os fatos se passaram antes que se cogitasse do Espiritismo e dos médiuns. Eis o resumo dado pelo jornal *Vérité*:

“No ano de 1829, veio a Wurtzbourg, cidade considerável da Baviera, um santo padre, o príncipe de Hohenlohe. Enfermos e doentes iram pedir-lhe, para obter do céu a sua cura, o socorro de suas preces. Ele invocava sobre eles as graças divinas, e logo se viu grande número desses infortunados curados de repente. O rumor dessas maravilhas repercutiu longe. A Alemanha, a França, a Suíça, a Itália, uma grande parte da Europa foram informadas disto. Numerosos escritos foram publicados, que perpetuam a lembrança. Entre as testemunhas autênticas e dignas de fé, que certificam a realidade dos fatos, basta aqui transcrever algumas, cujo conjunto forma uma prova convincente.

“Preliminarmente, eis um extrato do que a respeito escreve o Sr. Scharold, conselheiro de legação em Wurtzbourg, e testemunha de grande parte das coisas que relata.

“Há dois anos, uma princesa de dezessete anos, Matilde de Schwartzemberg, filha do príncipe deste nome, achava-se na casa de saúde do Sr. Haine, em Wurtzbourg. Era-lhe absolutamente impossível andar. Em vão os médicos mais famosos da França, da Itália e da Áustria tinham esgotado todos os recursos de sua arte para curar a princesa desta enfermidade. Somente o Sr. Haine, que se tinha servido das luzes e da experiência do célebre médico Sr. Textor, tinha conseguido, graças aos cuidados prodigalizados à doente, pô-la em estado de ficar de pé, e ela própria, fazendo esforços, tinha conseguido executar alguns movimentos como para

andar, mas sem andar realmente. Pois bem! a 20 de junho de 1821 ela deixou o leito de repente e andou com inteira liberdade.

“Eis como a coisa se passou. Cerca de dez horas da manhã o príncipe de Hohenlohe foi visitar a princesa, que mora em casa do Sr. Reinach, deão do capítulo. Quando entrou em seu apartamento, perguntou-lhe, como em conversa, na presença de sua governanta, se acreditava firmemente que Jesus-Cristo pudesse curá-la de sua enfermidade. À sua resposta de que estava inteiramente persuadida, o príncipe disse à piedosa doente que orasse do mais profundo do coração e pusesse sua confiança em Deus.

“Quando ela parou de orar, o príncipe lhe deu sua bênção e disse: ‘Vamos, princesa, levantai-vos; agora estais curada e podeis andar sem dores...’ Todo mundo da casa foi chamado imediatamente. Não sabiam como exprimir o seu assombro por uma cura tão pronta e tão incompreensível. Todos caíram de joelhos na mais viva emoção e entoaram louvores ao Todo-Poderoso. Cumprimentaram a princesa por sua felicidade e juntaram suas lágrimas às que a alegria fazia correr de seus olhos.

“A notícia espalhou-se pela cidade e causou espanto. Corriam em multidão para se assegurarem do acontecimento pelos próprios olhos. No dia 21 de junho a princesa já se havia mostrado em público. Impossível descrever o êxtase que ela experimentou, vendo-se fora de seu estado de cruéis sofrimentos.

“No dia 25 o príncipe de Hohenlohe deu outro exemplo notável da graça que possui. A esposa de um ferreiro da Rua Semmels não ouvia mais as grandes marteladas de sua forja. Foi encontrar o príncipe no pátio do presbitério Hung e lhe suplicou que a socorresse. Enquanto estava ajoelhada, ele lhe impôs as mãos sobre a cabeça e, tendo orado algum tempo, com os olhos erguidos para o céu, tomou-a pela mão e a levantou. Qual

não foi o espanto dos espectadores quando essa mulher, erguendo-se, disse que ouvia o tilintar do relógio da igreja! Voltando para casa, não se cansava de contar a todos os que a interrogavam o que acabava de lhe acontecer.

“No dia 26, uma pessoa ilustre (o príncipe real da Baviera) foi curado imediatamente de uma doença que, segundo as regras da Medicina, devia exigir muito tempo e daria muito sofrimento. Esta notícia causou viva alegria nos corações dos habitantes de Wurtzbourg.

“O príncipe de Hohenlohe não foi menos feliz na cura de uma doente que duas vezes tinham tentado curar, mas que, de cada vez, só tinham obtido um ligeiro alívio. Esta cura foi operada na cunhada do Sr. Broilli, negociante. Desde muito ela era afligida por uma paralisia muito dolorosa. A casa ribombou de gritos de alegria.

“No mesmo dia a viúva Balzano recuperou a vista, pois há vários anos estava completamente cega. Convenci-me por mim mesmo deste fato.

“Apenas saído do espetáculo desta cena tocante, fui testemunha de outra cura, operada na casa do Sr. general D... Uma jovem mulher tinha a mão direita tão gravemente estropiada, que não podia usá-la nem estendê-la. Ela imediatamente deu prova de sua perfeita cura, levantando com a mesma mão uma cadeira muito pesada.

“No mesmo dia um paralítico, cujo braço esquerdo se havia definhado, foi curado completamente. Uma cura de dois outros paralíticos ocorreu logo depois. Ela foi tão completa e ainda mais pronta.

“No dia 28 eu mesmo vi com que prontidão e segurança o príncipe de Hohenlohe curou crianças. Tinham-lhe

trazido uma do campo que só andava com muletas. Poucos minutos depois essa criança, transportada de alegria, corria sem muletas pelas ruas. Entrementes, uma criança muda, que apenas soltava alguns sons inarticulados, foi trazida ao príncipe; alguns minutos depois começou a falar. Logo uma pobre mulher trouxe sua filhinha às costas, estropiada das duas pernas; colocou-a aos pés do príncipe. Um momento depois ele entregou a criança à sua mãe, que então viu a filha correr e pular de alegria.

“No dia 29, uma mulher de Neustadt, parálitica e cega, foi-lhe trazida numa charrete. Estava cega há vinte e cinco anos. Cerca de três horas da tarde ela se apresentou no castelo da residência de nossa cidade, para implorar o socorro do príncipe de Hohenlohe, no momento em que ele entrava no vestíbulo, construído sob a forma de uma grande tenda. Caindo aos pés do príncipe, ela lhe suplicou, em nome de Jesus-Cristo, que a socorresse. O príncipe orou por ela, deu-lhe sua bênção e perguntou se acreditava firmemente que pudesse, em nome de Jesus, recobrar a vista. Como respondesse que sim, disse a ela que se levantasse. Retirou-se. Mal se havia afastado alguns passos, seus olhos abriram-se de repente. Ela viu e deu todas as provas que lhe pediram da faculdade que acabava de recobrar. Todas as testemunhas desta cura, entre as quais grande número de senhores da corte, ficaram extasiadas de admiração.

“A cura de uma mulher do hospital civil, que haviam trazido ao príncipe, não é menos admirável. Essa mulher, chamada Elisabeth Laner, filha de um sapateiro, tinha a língua tão vivamente afetada que, por vezes, passava quinze dias sem poder articular uma sílaba. Suas faculdades mentais tinham sofrido muito. Tinha perdido quase completamente o uso dos membros, de sorte que jazia no leito como uma massa. Pois bem! essa pobre infeliz foi hoje ao hospital sem ajuda de ninguém. Goza de todos os sentidos, como há doze anos, e sua língua soltou-se tão bem que ninguém no hospício fala com tanta volubilidade quanto ela.

“No dia 30, à tarde, o príncipe deu um exemplo extraordinário de cura. Uma carroça, em volta da qual estavam reunidos milhares de espectadores, tinha vindo de Musmerstadt. Nela estava um pobre estudante, paralítico dos braços e das pernas, definhados de maneira assustadora.

“Suplicado pelo infeliz para o aliviar, o príncipe veio à carroça. Orou cerca de cinco minutos, as mãos postas e erguidas para o céu. Falou várias vezes ao estudante e, enfim, lhe disse: ‘Levantai-vos, em nome de Jesus-Cristo.’ O estudante realmente se levantou, mas com sentimentos que não pôde dissimular. O príncipe lhe disse que não perdesse a confiança. O infortunado que, alguns minutos antes, não podia mover braços nem pernas, endireitou-se e ficou perfeitamente livre na carroça. Depois, erguendo os olhos para o céu, onde se viam desenhados o mais terno reconhecimento, exclamou: ‘Ó Deus! vós me socorrestes!’ Os espectadores não puderam conter as lágrimas.

“As curas miraculosas operadas em Wurtzbourg pelo príncipe de Hohenlohe poderiam oferecer assunto para mais de cem quadros de ex-voto.”

Notar-se-á a impressionante analogia que existe entre estes fatos de cura e os de que somos testemunhas. O Sr. de Hohenlohe se achava nas melhores condições para o desenvolvimento de sua faculdade e, por isso, a conservou até o fim. Como nessa época não se conhecia a sua verdadeira origem, era considerada como um dom sobrenatural e o Sr. Hohenlohe como operante de milagres. Mas, por que é olhada por algumas pessoas como um dom do céu, e por outras como uma obra satânica? Não conhecemos nenhum médium curador que tenha dito tirar seu poder do diabo; todos, sem exceção, só operam invocando o nome de Deus e declarando nada poder fazer sem a sua vontade. Os mesmos que ignoram o Espiritismo e agem por intuição, recomendam a prece, na qual reconhecem um poderoso

auxiliar. Se agissem pelo demônio, seriam ingratos em o renegar, e este último não é tão modesto, nem tão desinteressado para deixar àquele que procura combater o mérito do bem que faz, porque isto seria perder seus auxiliares, em vez de os recrutar. Alguma vez se viu um negociante elogiar aos seus clientes a mercadoria de seu vizinho a expensas da sua e os compelir a ir a ele? Na verdade, têm razão de rir do diabo, porque dele fazem um ser muito tolo e muito estúpido.

A comunicação seguinte foi dada pelo príncipe de Hohenlohe na Sociedade de Paris.

(Sociedade de Paris, 26 de outubro de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

Senhores, venho entre vós com tanto mais prazer quanto minhas palavras podem tornar-se para todos um útil assunto de instrução.

Frágil instrumento da Providência, pude contribuir para fazer glorificar o seu nome e venho de boa vontade entre aqueles que têm por objetivo principal conduzir-se segundo as suas leis, e progredir tanto quanto neles está o caminho da perfeição. Vossos esforços são louváveis e me considerarei como muito honrado por assistir algumas vezes aos vossos trabalhos. Vamos, então, desde já, às manifestações que provocaram minha presença entre vós.

Como dissestes com toda razão, a faculdade de que eu era dotado era simplesmente o resultado de uma mediunidade. Eu era instrumento; os Espíritos agiam e, se algo eu pude, não foi senão por meu grande desejo de fazer o bem e pela convicção íntima de que tudo é possível a Deus. Eu acreditava!... e as curas que obtinha vinham incessantemente aumentar a minha fé.

Como todas as faculdades mediúnicas, que hoje concorrem para a vulgarização do ensino espírita, a mediunidade

curadora foi exercida em todos os tempos e por indivíduos pertencentes às diversas religiões. – Deus espalha por toda parte seus mais adiantados servos, para deles fazer balizas de progresso, entre os próprios que estão mais afastados da virtude e, direi mesmo, sobretudo entre estes... Como um bom pai que ama igualmente todos os filhos, sua solicitude se manifesta sobre todos, mas mais particularmente sobre os que mais necessitam de apoio para avançar. – É assim que não é raro encontrar homens dotados de faculdades extraordinárias para a multidão, entre os simples. E, por esta palavra, eu entendo aqueles cuja pureza de sentimentos não foi ofuscada pelo orgulho e pelo egoísmo. É verdade que a faculdade também pode existir em pessoas indignas, mas *não é, nem poderia ser, senão passageira*. É um meio enérgico de lhes abrir os olhos: tanto pior para os que se obstinam em mantê-los fechados.

Entrarão novamente na obscuridade de onde saíram, com a confusão e o ridículo por cortejo, se mesmo Deus não punir, desde esta vida, seu orgulho e sua obstinação em desconhecer a sua voz.

Seja qual for a crença íntima de um indivíduo, se suas intenções forem puras, e se estiver inteiramente convencido da realidade do que crê, pode, em nome de Deus, operar grandes coisas. A fé transporta montanhas: dá a vista aos cegos e o entendimento espiritual aos que antes erravam nas trevas da rotina e do erro.

Quanto à melhor maneira de exercer a faculdade de médium curador, há apenas uma: *É ficar modesto e puro* e referir a Deus e às potências que dirigem a faculdade tudo o que se realiza.

Os que perdem os instrumentos da Providência é que não se julgam simples instrumentos; querem que seus méritos sejam em parte causa da escolha feita de sua pessoa; o orgulho os embriaga e o precipício se entreabre sob seus pés.

Educado na religião católica, penetrado da santidade de suas máximas, tendo fé em seu ensino, como todos os meus contemporâneos, eu considerava como milagres as manifestações de que era objeto. Hoje sei que a coisa é muito natural e que pode e deve conciliar-se com a imutabilidade das leis do Criador, para que sua grandeza e sua justiça permaneçam intactas.

Deus não poderia fazer milagres!... porque *então seria dar a presumir que a verdade não fosse bastante forte para afirmar-se por si mesma* e, por outro lado, não seria lógico demonstrar a eterna harmonia das leis da Natureza, perturbando-as com fatos em desacordo com a sua essência.

Quanto a adquirir a faculdade de médium curador, não há método para isto; todo mundo pode, em certa medida, adquirir esta faculdade e, agindo em nome de Deus, cada um fará suas curas. Os privilegiados aumentarão em número à medida que a Doutrina se vulgarizar, e é muito simples, pois haverá mais indivíduos animados de sentimentos puros e desinteressados.

Príncipe de Hohenlohe

Variedades

SENHORITA DUMESNIL, JOVEM ATRAENTE

Vários jornais falaram de uma jovem dotada da singular faculdade de atrair a si os móveis e outros objetos colocados num certo raio e erguer, pelo simples contato, uma cadeira sobre a qual estivesse sentada uma pessoa. O *Petit Journal* de 4 de novembro, trazia a respeito o seguinte artigo:

“A pega branca de Dinan não é mais surpreendente como fenômeno do que a senhorita magnética indicada na correspondência seguinte:

“Senhor,

“Venho assinalar-vos um fato que poderia apresentar muito interesse aos vossos leitores. Se quiserdes vos dar ao trabalho de o verificar, nele encontrareis ampla matéria para numerosos artigos.

“Uma jovem, a senhorita Dumesnil, de treze anos, possui um fluido de uma força atrativa extraordinária, que faz virem a ela todos os objetos *de madeira* que a cercam. Assim, as cadeiras, as mesas e tudo quanto é de madeira se dirige instantaneamente para ela. Esta faculdade se revelou nesta jovem há cerca de três semanas. Até agora este fenômeno extraordinário, que ainda não puderam explicar, só se manifestou às pessoas do meio social da moça, vizinhos, etc., que constataram o fato há alguns dias. A faculdade surpreendente da senhorita espalhou-se e, conforme me garantem, ela está em vias de tratar com um empresário, que se propõe exhibir publicamente o fenômeno.

“Desde ontem ela foi à casa de uma grande personagem a quem a indicaram; a publicidade não tardará em apoderar-se deste acontecimento, e eu me apresso em vos prevenir, para que tenhais as primícias.

“Esta moça exerce o ofício de polidora de metais e mora com os pais, que são gente pobre.

“Na expectativa de que nos explicareis este mistério inexplicável, peço que recebais minhas saudações muito sinceras.”

Brunet,

Empregado, Casa Christoffe, 56, rue de Bondy

“Não sei mais do que vós, meu caro correspondente, em matéria de ciência magnética, e olho como simples curiosidade vossa encantadora do carvalho, da faia e do acaju, a quem aconselho, neste inverno, não queimar na lareira... senão carvão...”

Eis, certamente, um fenômeno estranho, muito digno de atenção, e que deve ter uma causa. Se for constatado que não se trata de nenhum subterfúgio, o que é fácil garantir, e se as leis conhecidas são impotentes para o explicar, é evidente que revela a existência de uma nova força. Ora, a descoberta de um princípio novo pode ser fecunda em resultados. O que é pelo menos tão surpreendente quanto este fenômeno, é ver homens de inteligência ter por semelhantes fatos apenas uma altiva indiferença e zombarias de mau gosto. Entretanto, nem se tratava de Espíritos, nem de Espiritismo. Que convicção esperam pessoas que não têm nenhuma, que não a buscam e não a desejam? Que estudo sério é possível esperar disto? Esforçar-se por convencê-los não é perder tempo, usar inutilmente forças que poderiam ser mais bem empregadas com os homens de boa vontade, que não faltam? Temos dito sempre: Com pessoas preconceituosas, que não querem ver nem ouvir, o que há de melhor a fazer é deixá-las tranqüilas e provar-lhes que não se precisa delas. Se alguma coisa deve triunfar de sua incredulidade, os Espíritos saberão bem encontrá-lo e empregá-lo quando chegar o momento.

Para voltar à jovem, seus pais, que estão numa posição precária, vendo a sensação que ela produzia e o concurso de pessoas notáveis que ela atraía, sem dúvida pensaram que para eles havia uma fonte de fortuna. Não se deve querê-los mal, porquanto, ignorando até o nome do Espiritismo e dos médiuns, não podiam compreender as conseqüências de uma exploração deste gênero. Para eles sua filha era um fenômeno; resolveram, pois, instalá-la nos boulevards, entre os outros fenômenos. Fizeram melhor: instalaram-na no Grand-Hôtel, lugar mais conveniente para a aristocracia produtiva. Mas, ah! os sonhos dourados logo se desvaneceram. Os fenômenos não se reproduziram mais senão em raros intervalos, e de maneira tão irregular que foi preciso abandonar quase que imediatamente a esplêndida habitação e voltar ao atelier. Exibir uma faculdade tão caprichosa que falha justamente no momento em que os espectadores, que pagaram suas

entradas, estão reunidos e esperam que lha mostrem por seu dinheiro! Como fenômeno, mais vale para a especulação ter uma criança com duas cabeças, porque, ao menos, lá ela está. Que fazer se não se têm cordões para substituir os atores invisíveis? O partido mais honroso é retirar-se. Entretanto, conforme a carta publicada num jornal, parece que a jovem não perdeu inteiramente o seu poder, mas é sujeita a tais intermitências que se torna difícil captar o momento favorável.

Um de nossos amigos, espírita esclarecido e profundo observador, pôde testemunhar o fenômeno e ficou mediocrementemente satisfeito com o resultado. “Creio – disse-nos ele – na sinceridade dessas pessoas, mas, para os incrédulos, o efeito não se produz, neste momento, em condições que desafie qualquer suspeita. Não nego, pois sei que a coisa é possível; apenas constato minhas impressões. Como apanhei supostos médiuns de efeitos físicos em flagrante delito de fraude, dei-me conta das manobras pelas quais certos efeitos podem ser simulados, iludindo as pessoas que não conhecem as condições dos efeitos reais, de sorte que só afirmo com conhecimento de causa, não confiando em meus olhos. No próprio interesse do Espiritismo, meu primeiro cuidado é examinar se a fraude é possível, com auxílio da sagacidade, ou se o efeito pode ser devido a uma causa material vulgar. Aliás, acrescentou ele, lá é proibido ser espírita, agir pelos Espíritos e até neles acreditar.

É de notar que desde o infortúnio dos irmãos Davenport, todos os exibidores de fenômenos extraordinários repelem qualquer participação dos Espíritos em seu negócio, e fazem bem; o Espiritismo só tem a ganhar em não ser metido nessas exposições. É um serviço a mais prestado por esses senhores, porque não é por tais meios que o Espiritismo recrutará prosélitos.

Uma outra observação é que, cada vez que se trata de alguma manifestação espontânea, ou de um fenômeno qualquer atribuído a uma causa oculta, geralmente são tomados para peritos,

peçoas, por vezes sábios, que não sabem patavina do que devem observar e que vêm com uma idéia preconcebida de negação. Quem se encarrega de decidir se há ou não intervenção dos Espíritos ou uma causa espiritual? Precisamente os que negam a espiritualidade, que não crêem nos Espíritos e não querem que existam. Tem-se certeza prévia de sua resposta. Evitam tomar a opinião de quem quer que seja suspeito de Espiritismo, primeiro porque seria acreditar na coisa e, depois, porque temem uma solução contrária à que querem. Não refletem que só um espírita *esclarecido* é apto a julgar circunstâncias nas quais os fenômenos espíritas podem produzir-se, como só um químico é apto para conhecer a composição de um corpo e que, a este respeito, os espíritas são mais *cépticos* do que muita gente; que, longe de darem crédito a um fenômeno apócrifo, eles têm todo o interesse em o assinalar como tal e em desmascarar a fraude.

Todavia, disto ressalta uma instrução: a própria irregularidade dos fatos é uma prova de sinceridade; se resultassem de qualquer meio artificial, produzir-se-iam no momento desejado. É a reflexão que faz um jornalista que fora convidado a ir ao Grand-Hôtel. Havia naquele dia alguns outros convidados notáveis e, a despeito de duas horas de espera, a moça não obteve o menor efeito. “A pobre menina – disse o jornalista – estava desolada, e seu rosto traía inquietude. Tranqüilizai-vos, lhe falou ele; não só este insucesso não me desencoraja, mas me leva a crer que vosso relato é sincero. Se houvesse algum charlatanismo ou truque de vossa parte, vosso golpe não teria falhado. Eu voltarei amanhã.” Com efeito, voltou cinco vezes, sem mais resultados. Na sexta vez ela tinha deixado o hotel. “De onde conluo – acrescentou o jornalista – que a pobre senhorita Dumesnil, depois de haver construído belos castelos à custa de suas virtudes eletromagnéticas, foi obrigada a retomar seu lugar nos ateliês de polimento do Sr. Ruolz.”

Tendo sido constatados os fatos, é certo que havia nela uma disposição orgânica especial, que se prestava a esse gênero de fenômeno; mas, pondo de lado qualquer subterfúgio, é certo que se sua faculdade dependesse *apenas de seu organismo*, ela a teria tido, como os peixes-elétricos, sempre à sua disposição. Considerando-se que sua vontade, seu mais ardente desejo eram impotentes para produzir o fenômeno, é porque havia, no fato, uma causa que lhe era estranha. Qual é esta causa? Evidentemente a que rege todos os fenômenos mediúnicos: o concurso dos Espíritos, sem o qual os médiuns mais bem dotados nada obtêm. A senhorita Dumesnil é um exemplo de que eles não estão às ordens de ninguém. Por mais efêmera que tenha sido sua faculdade, ela fez mais para convicção de certas pessoas do que se se tivesse produzido em dias e horas fixas, ao seu comando diante do público, como nas manobras de prestidigitação.

É verdade que nada atesta de maneira ostensiva a intervenção dos Espíritos nesta circunstância, porque não há efeitos inteligentes, a não ser a impotência da moça em agir à sua vontade. A faculdade, como em todos os efeitos mediúnicos, é inerente a ela; o exercício da faculdade pode depender de uma vontade estranha. Mas, mesmo admitindo que os Espíritos nada tenham a ver com isto, não deixa de ser um fenômeno destinado a chamar a atenção para as forças fluídicas que regem o nosso organismo, e que tanta gente se obstina em negar.

Se essa força aqui fosse puramente elétrica, denotaria, não obstante, uma importante modificação na eletricidade, já que age sobre a madeira, com exclusão dos metais. Só isto valeria bem a pena de ser estudado.

REVISTA DA IMPRENSA RELATIVA AO ESPIRITISMO

Por mais que digam e façam, as idéias espíritas estão no ar. Transparecem de mil maneiras, sob a forma de romances ou de

pensamentos filosóficos, e a imprensa as acolhe contanto que a palavra *Espiritismo* não seja pronunciada. Impossível citar todos os pensamentos que ela registra diariamente, assim fazendo Espiritismo sem saber. Que importa o nome, se a coisa está aí? Um dia esses senhores ficarão muito admirados de ter feito Espiritismo, como o Sr. Jourdain ficou por ter falado em prosa. Muita gente caminhava ao lado do Espiritismo sem o suspeitar; estão na fronteira, quando se julgam bem longe. Com exceção dos materialistas puros, que certamente são minoria, pode-se dizer que as idéias da filosofia espírita correm o mundo. O que muitos ainda repelem são as manifestações mediúnicas, uns por sistema, outros porque, tendo observado mal, sofreram decepções; mas como as manifestações são fatos, mais cedo ou mais tarde terão de os aceitar. Recusam-se a ser espíritas unicamente pela falsa idéia que ligam a esse nome. Que os que aí não chegam pela porta principal, a ela cheguem pela secundária, o resultado é o mesmo; hoje o impulso está dado e o movimento não poderia ser detido.

Por outro lado, como é anunciado, produz-se uma imensidão de fenômenos, que parecem afastar-se das leis conhecidas e confundem a Ciência, na qual em vão buscam a sua explicação; passá-los em silêncio, quando têm certa notoriedade, seria difícil. Ora, esses fenômenos, que se apresentam sob os mais variados aspectos, graças à sua multiplicação acabam despertando a atenção e, pouco a pouco, familiarizam com a idéia de uma força espiritual, fora das forças materiais. É sempre um meio de chegar ao fim; os Espíritos batem de todos os lados e de mil maneiras diferentes, de sorte que os golpes sempre alcançam uns ou outros.

Entre os pensamentos espíritas encontrados em diversos jornais, citaremos os seguintes:

No discurso pronunciado em 11 de novembro último pelo Sr. d'Eichthal, um dos redatores do *Temps*, junto ao túmulo do Sr. Charles Duveyrier, assim se exprime o orador:

“Duveyrier morreu em profunda calma, cheio de confiança em Deus, de fé na eternidade da vida, orgulhoso de seus longos anos consagrados à elaboração e ao desenvolvimento de uma crença que deve resgatar todos os homens da miséria, da desordem e da ignorância, certo de haver pago a sua dívida, de ter dado à geração que o segue mais do que tinha recebido da que o precedeu. Parou como um valente operário, acabada a tarefa, deixando a outros o encargo de a continuar.

“Se seus restos mortais não atravessaram os templos consagrados para chegar ao campo de repouso, não foi por um injusto desdém contra as crenças imortais, mas é que nenhuma das fórmulas que tivessem pronunciado sobre seus despojos teriam dado a idéia que ele fazia da vida futura. Duveyrier não desejava, não acreditava ir para o céu, gozar eternamente de uma beatitude pessoal, enquanto a maioria dos homens ficaria condenada a sofrimentos sem esperança. Cheio de Deus e vivendo em Deus, mas ligado à Humanidade, é no seio da Humanidade que ele esperava reviver para concorrer eternamente a essa obra de progresso que a aproxima incessantemente do ideal divino.” (Jornal *Temps*, 14 de novembro de 1866).

O Sr. Duveyrier tinha feito parte da seita são-simonista. É a crença referida acima, a cujo desenvolvimento ele tinha consagrado vários anos de sua vida; mas suas idéias sobre o futuro da alma, como se vê, se aproximavam muito das que ensina a Doutrina Espírita. Contudo, não se deve inferir destas palavras: “É no seio da Humanidade que ele esperava reviver” que acreditasse na reencarnação. Sobre este ponto ele não tinha qualquer idéia definitiva; entendia por isto que a alma, em vez de se perder no infinito, ou de ser absorvida numa beatitude inútil, ficava na esfera da Humanidade, a cujo progresso concorria por sua influência. Mas esta idéia é exatamente a que também ensina o Espiritismo; é a do mundo invisível que nos cerca; as almas vivem em meio a nós, como vivemos em meio a elas. O Sr. Duveyrier era,

pois, ao contrário da maioria de seus confrades da imprensa, não só profundamente espiritualista, mas setenta e cinco por cento espírita. Que lhe faltava para o ser completamente? Provavelmente ter sabido o que é o Espiritismo, porquanto lhe possuía as bases fundamentais: a crença em Deus, na individualidade da alma, sua sobrevivência e sua imortalidade; em sua presença no meio dos homens após a morte, e sua ação sobre eles. Que diz a mais o Espiritismo? Que essas mesmas almas revelam sua presença por uma ação direta, e que estamos incessantemente em comunhão com elas. Vem provar pelos fatos o que no Sr. Duveyrier e em muitos outros não estava senão no estado de tória e de hipótese.

Concebe-se que os que só acreditam na matéria tangível repilam tudo, mas o que mais surpreende é ver espiritualistas rejeitando a prova do que constitui o fundo de sua crença. Aquele que assim expunha os pensamentos do Sr. Duveyrier sobre o futuro da alma, o Sr. d'Eichthal, seu amigo e correligionário em são-simonismo, que, provavelmente, partilhava até certo ponto de suas opiniões, não é menos um adversário declarado do Espiritismo; por pouco ele não suspeitava que o que dizia em louvor ao Sr. Duveyrier era muito simplesmente uma profissão de fé espírita.

As palavras seguintes, do Sr. Louis Jourdan, do *Siècle*, a seu filho, foram reproduzidas pelo *Petit Journal* de 3 de setembro de 1866.

“Eu te sinto vivo, de uma vida superior à minha, meu Prosper; e quando soar a minha última hora, eu me consolarei em deixar os que amamos juntos, pensando que vou te encontrar e nos unirmos. Sei que esta consolação não me virá sem esforços; sei que será preciso conquistá-la trabalhando corajosamente por meu próprio melhoramento, como no dos outros; farei pelo menos tudo quanto estiver em meu poder para merecer a recompensa que ambiciono: reencontrar-te. Tua lembrança é o farol que nos guia e

o ponto de apoio que nos sustenta através das trevas que nos envolvem. Percebemos um ponto luminoso, para o qual marchamos resolutamente; esse ponto é aquele onde vives, meu filho, junto a todos aqueles que amei na Terra e que partiram antes de mim para a sua vida nova.”

Que de mais profundamente espírita do que estas doces e tocantes palavras! O Sr. Louis Jourdan está ainda mais perto do Espiritismo que o Sr. Duveyrier, porque há muito tempo crê na pluralidade das existências terrestres, como se pôde ver pela citação que fizemos na Revista de dezembro de 1862. Ele aceita a filosofia espírita, mas não o fato das manifestações, que não repele absolutamente, mas sobre o qual não está suficientemente esclarecido. É, contudo, um fenômeno bastante grave, quanto às suas conseqüências, pois só ele pode explicar tantas coisas incompreensíveis, que se passam aos nossos olhos, para merecer ser aprofundado por um observador como ele. Porque se as relações entre o mundo visível e o mundo invisível existem, é toda uma revolução nas idéias, nas crenças, na filosofia; é a luz atirada sobre uma porção de questões obscuras; é o aniquilamento do materialismo; é, enfim, a sanção de suas mais caras esperanças em relação ao seu filho. Que elementos os homens que se fazem campeões das idéias progressistas e emancipadoras colheriam na Doutrina se soubessem tudo quanto ela encerra para o futuro! Não é duvidoso que surjam alguns, que compreenderão o poder desta alavanca e saberão tirar-lhe proveito.

O *Événement* de 4 de novembro último relatava a seguinte anedota, concernente ao célebre compositor Glück. Quando da primeira representação da *Ifgênia*, a 19 de abril de 1774, a que assistiam Luís XVI e a rainha Maria Antonieta, esta quis coroar pessoalmente seu antigo professor de música. Depois da representação, chamado ao camarote do rei, Glück ficou de tal modo comovido que não pôde proferir uma palavra e apenas teve forças para agradecer à rainha com o olhar. Percebendo que Maria

Antonietta usava naquela noite um colar de rubi, Glück se reergueu: Grande Deus! exclamou ele, salvai a rainha! salvai a rainha! sangue! sangue! – Onde? bradaram de todos os lados. – Sangue! sangue! no pescoço! gritou o músico. – Maria Antonietta estava trêmula. Depressa, um médico, disse ela, meu pobre Glück está louco. – O músico tinha caído numa poltrona. Sangue! sangue! murmurou ele... Salvai a arquiduesa Maria... salvai a rainha! – O infeliz maestro toma o vosso colar por sangue, disse o rei a Maria Antonietta; ele tem febre. – A rainha levou a mão ao pescoço, arrancou o colar e, tomada de pavor, atirou-o longe. Levaram Glück desacordado.

O autor do artigo termina assim:

Eis, caro leitor, a história que me contou na ópera o músico alemão, e que reli no dia seguinte, numa biografia do imortal autor de Alceste. É verdadeira? É fantasia? Ignoro-o. Mas não seria possível que homens de gênio, cujo espírito elevado paira acima da Humanidade, tivessem, em certas horas de inspiração, *essa faculdade misteriosa que se chama segunda vista?* (Albert Wolff).

O Sr. Albert Wolff disparou mais de uma seta no Espiritismo e nos espíritas, e eis que ele mesmo admite a possibilidade da segunda vista e, ainda mais, a previsão pela segunda vista. Provavelmente não se dá conta a que conseqüências conduz o reconhecimento de tal faculdade. Mais um que caminha ao lado do Espiritismo sem o suspeitar, talvez sem ousar confessá-lo, e que nem por isso deixa de atirar-lhe a pedra. Se lhe dissessem que é espírita, pularia de indignação, exclamando: Eu! crer nos irmãos Davenport! Porque para a maioria desses senhores o Espiritismo está inteirinho no golpe das cordas. Lembramos que um deles, a quem um correspondente censurava falar do Espiritismo sem o conhecer, respondeu em seu jornal: “Enganai-vos; estudei o Espiritismo na escola dos irmãos Davenport, e a prova é que isto me custou 15 francos.” Cremos ter

citado o fato em alguma parte da *Revista*. Que se lhes pode pedir a mais? Não sabem mais que isto.

O *Siècle* de 27 de agosto de 1866 citava as seguintes palavras da Sra. George Sand, a propósito da morte do Sr. Ferdinand Pajot:

“A morte do Sr. Ferdinand Pajot é um fato dos mais dolorosos e lamentáveis. Este jovem, dotado de notável beleza e pertencente a excelente família, era, além disso, um homem de coração e de idéias generosas. Nós mesma o pudemos apreciar cada vez que invocamos a sua caridade para os pobres de nosso círculo. Dava largamente, com mais generosidade, talvez, do que o autorizavam os seus recursos, e dava com espontaneidade, com confiança, com alegria. Era sincero, independente, bom como um anjo. Casado há pouco com uma jovem encantadora, será lamentado como o merece. Devo lhe dar, depois desta cruel morte, uma terna e maternal bênção: ilusão, se se quiser, mas creio que entramos melhor na vida que se segue a esta, quando a ela chegamos escoltados pela estima e a afeição dos que acabamos de deixar.”

A Sra. Sand é ainda mais explícita em seu livro *Mademoiselle de la Quintinie*. À página 318, lê-se: “Senhor abade, quando quiserdes que demos um passo para a vossa igreja, começai por nos fazer ver um concílio reunido e decretando mentira e blasfêmia o inferno das penas eternas, e tereis o direito de nos exclamar: Vinde a nós, vós todos que quereis conhecer a Deus.”

Página 320: “Pedir a Deus que aniquile nossos sentidos, endureça o nosso coração, torne odiosos os nossos laços mais sagrados, é pedir-lhe que negue e destrua sua obra, que volte sobre os seus passos e nos faça voltar nós mesmos, fazendo-nos retrogradar para as existências inferiores, abaixo do animal, abaixo da planta, talvez abaixo do mineral.”

Página 323: “Entretanto, seja qual for a vossa sorte entre nós, vereis claro um dia além da tumba e, como não creio mais nos castigos sem fim quanto nas provas sem fruto, anuncio-vos que nos encontraremos em alguma parte, onde nos entenderemos melhor e onde nos amaremos, em vez de nos combatermos; mas, também como vós, não creio na impunidade do mal e na eficácia do erro. Creio, pois, que expiareis o endurecimento do vosso coração por intensos sofrimentos da alma em outra existência qualquer.”

Ao lado desses pensamentos eminentemente espíritas, aos quais só falta o nome que se obstinam em lhes recusar, por vezes se encontram outros, um pouco menos sérios, que lembram o belo tempo das zombarias mais ou menos espirituosas, sob as quais pensavam poder sufocar o Espiritismo. Pode-se julgá-lo pelas amostras seguintes, que são como os foguetes perdidos do fogo de artifício.

O Sr. Ponson du Terrail, em seu *Dernier mot de Rocambole*, publicado em folhetim no *Figaro*, assim se exprime:

“Entretanto, os ingleses se mostrariam superiores aos americanos em matéria de superstição. As mesas girantes, antes de fazer entre nós a felicidade de *cem mil imbecis*, passaram várias estações em Londres e aí receberam uma das hospitalidades mais cortesias. Pouco a pouco o relato do coveiro tinha dado a volta em Hampstead, cidade célebre por seus burros e seus burriqueiros, e a gente importante da região não tinha hesitado um só instante em decidir que a casa de campo, à noite, era assombrada por Espíritos.”

O Sr. Ponson du Terrail, que outorga tão generosamente um diploma de imbecilidade a cem mil indivíduos, crê, naturalmente, ter mais espírito do que eles, mas não crê albergar um Espírito, sem o que é provável que não os enviase ao país dos burros.

Mas, perguntará ele, que relação pode haver entre as mesas girantes e os sublimes pensamentos que citastes há pouco? Há, respondemos nós, a mesma relação que existe entre o vosso corpo, quando valsa, e o vosso espírito, que o faz valsar; entre a rã, que dançava no prato de Galvani, e o telégrafo transatlântico; entre a maçã que cai e a lei da gravitação, que rege o mundo. Se Galvani e Newton não tivessem meditado sobre esses fenômenos tão simples e tão vulgares, hoje não teríamos tudo o que a indústria, as artes e as ciências deles tiraram. Se cem mil imbecis não tivessem buscado a causa que faz girar as mesas, ainda hoje ignoraríamos a existência e a natureza do mundo invisível, que nos rodeia; não saberíamos de onde viemos antes de nascer e para onde vamos ao morrer. Entre esses cem mil imbecis, muitos talvez ainda acreditassem em demônios chifrudos, nas chamas eternas, na magia, nos feiticeiros e nos sortilégios. As mesas girantes são, para os pensamentos sublimes sobre o futuro da alma, o que o germe é para a árvore que dele saiu: são os rudimentos da ciência do homem.

Lia-se no *Écho d'Oran* de 24 de abril de 1866:

“Acaba de se passar em El-Afroun um fato que afetou penosamente a nossa população. O Sr. Pagès, um dos mais antigos habitantes de nossa cidade acaba de morrer. Sabeis que estava imbuído das idéias – eu ia dizer das loucuras – do Sr. Allan Kardec e que fazia profissão do Espiritismo. Fora dessa extravagância, era um homem honesto, estimado por todos os que o conheciam. Por isso, ficaram muito admirados quando souberam que o sr. cura se havia recusado a enterrá-lo, sob pretexto de que o Espiritismo é contrário ao Cristianismo. Não está no Evangelho: Retribuí o mal com o bem? Ora, se esse pobre Sr. Pagès é culpado por ter crido no Espiritismo, não era uma razão a mais para orar por ele?”

O Sr. Pagès, que conhecíamos por correspondência há longa data, escrevia-nos isto:

“O Espiritismo fez de mim um outro homem. Antes de o conhecer, eu era como muitos outros; não acreditava em nada e, contudo, sofria ao pensamento de que, morrendo, tudo está acabado para nós. Por vezes experimentava profundo desânimo, e me perguntava para que serve fazer o bem. Para mim o Espiritismo teve o efeito de uma cortina que se levanta para nos mostrar uma decoração magnífica. Hoje vejo claro; o futuro não é mais duvidoso e estou muito feliz. Dizer-vos da felicidade que experimento é impossível; parece que estou como um condenado à morte, a quem vêm dizer que não morrerá e que vai deixar sua prisão para ir a um belo país, viver em liberdade. Caro senhor, que efeitos isto devia produzir? A coragem me voltou com a certeza de viver sempre, porque compreendi que aquilo que adquirimos em bem não é pura perda; compreendi a utilidade de fazer o bem; compreendi a fraternidade e a solidariedade que ligam todos os homens. Sob o império deste pensamento esforcei-me por me melhorar. Sim, posso vos dizer sem vaidade, corriji-me de muitos defeitos, embora me restem ainda muitos. Agora sinto que morrerei tranqüilo, pois sei que apenas trocarei a veste má, que me incomoda, por uma nova, na qual estarei mais à vontade.”

Eis, pois, um homem que, aos olhos de certas pessoas, era razoável, sensato quando não acreditava em nada, e que é tachado de loucura pelo único fato de ter crido na imortalidade de sua alma pelo Espiritismo. E são essas mesmas pessoas, que nem crêem na alma nem na prece, que lhe atiraram pedras por suas crenças em vida e o perseguem com seus sarcasmos até depois de morto, que invocam o Evangelho contra o ato de intolerância e a recusa de preces de que ele foi objeto, ele que não acreditou no Evangelho e na prece senão pelo Espiritismo!

Santo Agostinho, Acusado de Cretinice

Sob o título de *Cretinismo*, a *Vedette du Limbourg*, jornal de Tongres, na Bélgica, de 1º de setembro de 1866, contém o artigo seguinte, reproduzido conforme a *Gazette de Huy*:

“Um livro dado como prêmio num pensionato de religiosas caiu em nossas mãos. Nós o abrimos e o acaso nos fez ler, entre outras passagens curiosas, o seguinte, que nos parece muito digno de ser posto aos olhos do leitor. Trata-se do papel desempenhado pelos anjos. Quem quer que o percorra certamente não deixará de perguntar como é possível que uma obra contendo semelhantes absurdos possa achar um editor! Em nossa opinião, quem imprime semelhantes asneiras é tão culpado quanto o que as escreve. Sim, não tememos afirmá-lo, autor e impressor devem ser considerados mestres em cretinismos para ousarem lançar tais desafios à razão, à Ciência, que dizemos? ao mais vulgar bom-senso. Eis a passagem de que se trata:

“Segundo Santo Agostinho, o mundo visível é governado por criaturas invisíveis, por Espíritos puros, e mesmo há anjos que presidem a cada coisa visível, a todas as espécies de criaturas que estão no mundo, quer sejam animadas, quer inanimadas.

“Os céus e os astros têm seus anjos motores; as águas têm um anjo particular, como é referido no *Apocalipse*; o ar tem seus anjos, que governam os ventos, como se vê no mesmo livro, que ainda nos ensina que o elemento do fogo também tem os seus. Os reinos têm os seus anjos; as províncias também têm os que as guardam, como se vê no *Gênesis*, porque os anjos que apareceram a Jacó eram os guardas das províncias por onde ele passava, etc.”

“Pode-se julgar por esta amostra do gênero de leitura que faz a juventude educada nos conventos. É possível conceber – perdoem-nos a expressão – algo de mais profundamente estúpido?”

“Para ultrapassar os limites, o editor faz preceder a obra de uma advertência, onde se podem ler estas linhas: ‘Em seu livro, que não convém menos aos eclesiásticos do que aos leigos, o autor demonstra uma força de razão e de estilo que aclara e submete o espírito; de sua pena flui uma unção que penetra e ganha o coração. É a obra de um homem profundamente versado na espiritualidade.’

“Dizemos nós: é a obra de um homem tornado louco pelo ascetismo, muito mais a lamentar que a censurar.”

Até agora Santo Agostinho tinha sido respeitado até mesmo por aqueles que não partilham de suas crenças. Apesar dos erros manifestos, que se prendiam ao estado dos conhecimentos científicos de seu tempo, ele é universalmente considerado como um dos gênios, uma das glórias da Humanidade, e eis que com uma penada um escritor obscuro, um desses jovens que se julgam a luz do mundo, atira lama sobre esse secular famoso, pronuncia contra ele, do alto de sua razão, a acusação de cretinismo, e isto porque Santo Agostinho acreditava em criaturas invisíveis, em Espíritos puros presidindo a todas as coisas visíveis. Sendo assim, quantos cretinos não há entre os mais estimados literatos contemporâneos! Não nos surpreenderíamos se um dia acusassem de cretinice Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, George Sand e tantos outros. Eis a escola que aspira a regenerar a sociedade pelo materialismo; assim, pretende ela que a Humanidade volte à demência. Mas pode-se ficar tranqüilo: seu reino, se algum dia chegasse, seria de curta duração. Ela bem sente a sua fraqueza contra a opinião geral, que a repele, razão por que se agita com uma espécie de frenesi.

Notas Bibliográficas

NOVOS PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA MÉDICA

PELO DR. CHAUVET, DE TOURS²⁶

Em nosso número de outubro apenas pudemos anunciar esta obra, lamentando que a extensão dos artigos, cuja publicação não podia ser retardada, nos tivesse impedido de apreciá-la mais cedo.

Muito embora, por sua especialidade, o livro pareça estranho às matérias que nos ocupam, não obstante a elas se ligam, pelo princípio mesmo sobre o qual se apóia, porque o autor faz intervir claramente o princípio espiritualista na ciência mais eivada de materialismo. Não faz espiritualidade mística, como alguns a compreendem, mas, se assim nos podemos exprimir, espiritualidade positiva e científica. Empenha-se em demonstrar a existência do princípio espiritual que existe em nós, sua conexão com o organismo, auxiliada pelo laço fluídico que os une, o papel importante que esses dois elementos representam na economia, os erros inevitáveis nos quais caem forçosamente os médicos que tudo reportam à matéria, e as luzes de que se privam negligenciando o princípio espiritual. A passagem seguinte indica suficientemente o ponto de vista sob o qual ele encara a questão.

“Em suma, diz ele (página 34), a constituição humana resulta:

1º – de um princípio espiritual, independente, ou alma imortal;

2º – de um corpo fluídico permanente;

26 Vol. In-12, preço 3 fr. Tours, casa Guillard-Verger. – Paris, casa Baillère 19, rue Hautefeuille.

3º – de um organismo material, dissolúvel, animado durante a vida por um fluido especial.

“A união temporária do primeiro destes elementos constitutivos com o terceiro se opera pela combinação de seus fluidos respectivos (fluido *perispiritual* e fluido vital), de onde resulta um fluido misto que, ao mesmo tempo, penetra todo o corpo, irradia em torno dele, por vezes a grandes distâncias e através de todos os obstáculos, como o demonstram os fenômenos magnéticos, sonambúlicos e outros, que o materialismo de todas as cores repele com soberbo desdém, sob o pretexto de maravilhoso e de charlatanismo, porque vêm atacar com violência suas teorias insensatas.”

Da ação do elemento fluídico sobre o organismo ele chega à demonstração, de certo modo matemática, do poder de ação das quantidades infinitesimais sobre a economia. Esta demonstração nos parece nova e uma das mais claras que lemos. Deixamos aos especialistas a apreciação da parte técnica, que não discutimos; mas, do ponto de vista filosófico, esta obra é uma das primeiras aplicações à ciência positiva das leis reveladas pelo Espiritismo e, nesta qualidade, tem seu lugar marcado nas bibliotecas espíritas. Embora o nome do Espiritismo nem sequer seja pronunciado, o autor pode ficar certo de que não terá a aprovação das pessoas preconceituosas, que negam tudo o que concerne à espiritualidade.

**OS DOGMAS DA IGREJA DO CRISTO
EXPLICADOS PELO ESPIRITISMO**

POR APOLÔNIO DE BOLTINN²⁷

O assunto deste livro apresentava um escolho perigoso, que o autor evitou prudentemente, abstendo-se de tratar as

27 1 vol. In-8º, traduzido do russo; preço: 4 fr. – Paris, casa Reinwald, 15, rue des Saints-Pères.

questões que não estão na ordem do dia, e sobre as quais o Espiritismo ainda não foi chamado a se pronunciar. Não admitindo o Espiritismo como princípios incontestáveis senão os que receberam a sanção do ensinamento geral, as soluções que podem ser dadas sobre questões ainda não elaboradas não passam de opiniões pessoais dos homens ou dos Espíritos, susceptíveis de receberem mais tarde o desmentido da experiência. Estas soluções prematuras não poderiam comprometer a responsabilidade da Doutrina, mas poderiam desviar a opinião pública, fazendo crer que ela as aceita. Foi o que compreendeu perfeitamente o Sr. Boltinn, pelo que o felicitamos. Por isso o seu livro pode ser aceito pelo Espiritismo e posto no rol das obras chamadas a prestar serviço à causa. É escrito com prudência, moderação, método e clareza. Vê-se que o autor fez um estudo aprofundado das Santas Escrituras e dos teólogos das Igrejas Latina e Grega, cujas palavras comenta e explica como um homem que conhece o terreno onde pisa. Seus argumentos têm a força dos fatos, da lógica e da concisão. Que o livro do nosso irmão da Rússia seja bem-vindo entre nós. É assim que, em nome do Espiritismo, todos os povos se dão as mãos.

UNIÃO ESPÍRITA BORDELESA

Soubemos com viva satisfação que a *Union Spirite Bordelaise* vai retomar o curso de suas publicações, momentaneamente interrompidas por longa e grave moléstia de seu diretor e por circunstâncias independentes de sua vontade.

NO PRELO

L'Écho poétique d'outre-tombe, poesias mediúnicas recebidas pelo Sr. Vavasseur. — Esta coletânea formará um volume grande in-18, de cerca de 200 páginas, no formato de *O que é o Espiritismo?* Preço: 2 fr.; pelo correio: 2 fr. 20 c.

Necrológio

SRA. DOZON — SR. FORNIER-DUPLAN — SR. D'AMBEL

O Espiritismo acaba de perder uma de suas mais fervorosas adeptas na pessoa da Sra. Dozon, viúva do Sr. Henri Dozon, autor de várias obras sobre o Espiritismo, morto em 1^o de agosto de 1865. Ela faleceu em Passy, a 1^o de novembro de 1866.

A Sra. Dozon, acometida por uma doença orgânica incurável, estava desde muito tempo num estado de enfraquecimento e de sofrimento extremos, e cada dia via a morte se aproximar; encarava-a com a serenidade de uma alma pura, que tem a consciência de só haver feito o bem, e profundamente convencida de que não era senão a passagem de uma vida de provações a uma vida melhor, no limiar da qual ia encontrar, para a receber, seu caro marido e os que tinha amado. Suas previsões não a enganaram; a vida espiritual, a que estava iniciada, realizou todas as suas esperanças e mais ainda. Ela aí recolhe os frutos de sua fé, de seu devotamento, de sua caridade para com os que lhe fizeram mal, de sua resignação no sofrimento e da coragem com a qual sustentou suas crenças contra os que delas faziam um crime. Se seu corpo estava enfraquecido, o Espírito tinha conservado toda a sua pujança, toda a sua lucidez até o último momento. Morreu em pleno gozo das faculdades mentais, como alguém que parte em viagem, não levando nenhum traço de fel contra os quais tinha tido razões para se lamentar. Seu desprendimento foi rápido e a perturbação de curta duração; por isso pôde manifestar-se antes mesmo da inumação. Sua morte e seu despertar foram os de um espírita de coração, que se esforçou para pôr em prática os preceitos da Doutrina.

Sua única apreensão era ser enterrada viva, e este pensamento a perseguiu até o fim. “Parece-me, dizia ela, que me vejo na fossa e que sufoco debaixo da terra, que escuto cair sobre

mim.” Depois de sua morte ela explicou este medo, dizendo que, na sua precedente existência, tinha sido morta assim e que a terrível impressão que seu Espírito havia sentido tinha despertado no momento de morrer novamente.

Nenhuma prece espírita foi feita ostensivamente em seu túmulo, para não melindrar certas susceptibilidades, mas a Sociedade Espírita de Paris, da qual fizera parte, reuniu-se no lugar de suas sessões, após a cerimônia fúnebre, para lhe renovar o testemunho de suas simpatias.

O Espiritismo viu partir outro representante seu, na pessoa do Sr. Fornier-Duplan, antigo negociante, falecido em Rochefort-sur-Mer, a 22 de outubro de 1866. O Sr. Fornier-Duplan era desde muito tempo um adepto sincero e devotado, compreendendo o verdadeiro objetivo da Doutrina, cujos ensinamentos se esforçava para pôr em prática. Era um homem de bem, amado e estimado por todos os que o conheciam, um daqueles que o Espiritismo se honra de contar em suas fileiras. Nele os infelizes perdem um sustentáculo. Tinha haurido em suas crenças o remédio contra a dúvida sobre o futuro, a coragem nas provas da vida e a calma de seus últimos instantes. Como a Sra. Dozon e tantos outros, ele partiu cheio de confiança em Deus, sem o temor do desconhecido, porque sabia para onde ia e sua consciência lhe dava a esperança de aí ser acolhido com simpatia pelos Espíritos bons. Sua esperança também não foi enganada, e as comunicações que deu provam que lá ocupa o lugar reservado aos homens de bem.

Uma morte que tanto nos surpreendeu quanto nos afligiu foi a do Sr. d’Ambel, antigo diretor do jornal *Avenir*, falecido em 17 de novembro de 1866. Suas exéquias se realizaram na igreja

de Notre-Dame de Lorette, sua paróquia.²⁸ A malevolência dos jornais que dele falaram revelou-se, nesta circunstância, de maneira lamentável, por sua afetação em ressaltar, exagerar, envenenar, como se tivesse prazer em revolver o ferro na ferida, tudo quanto esta morte poderia ter de penoso, sem consideração pelas susceptibilidades de família, esquecendo até o respeito que se deve aos mortos, sejam quais forem suas opiniões e suas crenças em vida. Esses mesmos jornais teriam denunciado o escândalo e a profanação contra quem quer que tivesse falado dessa maneira de um dos seus. Mas nós vimos, pela citação que fizemos acima, a propósito da morte do Sr. Pagès, que nem mesmo o túmulo é respeitado por certos adversários do Espiritismo.

Todavia, os homens imparciais renderão aos espíritas a justiça de reconhecer que *jamaiz* estes se afastaram do respeito, das conveniências e das leis da caridade, pela morte dos que tinham sido seus maiores inimigos, e que os tinham atacado sem a menor consideração. Contentam-se em orar por eles.

Aviso

A *Revista Espírita* dará início em 1^o de janeiro próximo ao seu décimo ano. Solicitamos aos senhores assinantes, que não quiserem sofrer atraso, a renovação de suas assinaturas antes de 31 de dezembro.

28 **N. do T.:** Apesar de ter atuado como médium na Sociedade Espírita de Paris, as exéquias do Sr. d'Ambel se realizaram num templo católico. Conforme se pode depreender de várias passagens da *Revista Espírita*, Allan Kardec acreditava que se podia ser perfeitamente espírita sem abdicar das crenças católicas, protestantes ou judias, e até mesmo aconselhou que ninguém abandonasse sua fé religiosa para abraçar o Espiritismo. Talvez, por isso, o Espírito Emmanuel tenha respondido (*O Consolador*, questão 353): “O Espiritismo não pode guardar a pretensão de exterminar as outras crenças, parcelas da verdade que a sua doutrina representa, mas, sim, trabalhar por transformá-las, elevando-lhes as concepções antigas para o clarão da verdade imortalista.”

Como de hábito, o número de janeiro será remetido a todos os antigos assinantes. Os números seguintes só o serão à medida que as assinaturas forem sendo renovadas.

Allan Kardec

Nota Explicativa²⁹

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que*

²⁹ **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

é o *Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metucioso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonía de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços

da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar

apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegasse à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na

mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA